

O Poder Naval e a Formação do Brasil

Breves reflexões sobre a historiografia naval brasileira e a modernização do Museu Naval.

EDINA LAURA NOGUEIRA DA GAMA*

1 - A Razão do Tema

O título deste texto, “O Poder Naval e a Formação do Brasil”, remete à exposição de longa duração hoje existente no Museu Naval. Sua realização simboliza todo o esforço empreendido pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha¹, doravante denominada DPHDM, na construção de um novo cenário para a história naval brasileira. Assim, a Diretoria pode cumprir, junto a outras tarefas, a missão que lhe cabe no organograma da Marinha do Brasil – preservar e divulgar o patrimônio histórico e cultural da Marinha, contribuindo para a conservação de sua memória e para o desenvolvimento da consciência marítima brasileira - .

Deste modo, ter como objeto desta comunicação essas breves reflexões, que inclui um novo olhar sobre os significados sociais para os espaços museais, é um grande desafio. E por quê?

A resposta está na expectativa de que na condução desse trabalho, possa ser observado que, embora esteja ainda sendo inserida como proposta de uma nova releitura, a história naval brasileira produzida pela DPHDM tem nos dias atuais novas abordagens, possuindo uma sólida estrutura organizacional e operacional para ser desenvolvida sob numerosos aspectos - pelo menos no que tange ao abandono da história centrada em narrativas lineares de fatos

* Historiadora, com pós-graduação em história militar (UNIRIO), é assessora técnica da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha.

¹ Criada em 2008, é oriunda da fusão das atividades do Serviço de Documentação da Marinha (SDM) e Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha, sendo a instituição responsável pela orientação e normatização junto às demais organizações da Marinha nas áreas técnicas pertinentes a história, museologia, arquivologia, biblioteconomia, arqueologia subaquática e publicações histórico-culturais. E ainda tem sob sua tutela administrativa o Arquivo da Marinha, Museu Naval, Espaço Cultural da Marinha, Ilha Fiscal, Biblioteca da Marinha, Navio-Museu *Bauru*, Rebocador Museu *Laurindo Pitta*, Nau dos Descobrimentos, Submarino Museu *Riachuelo* e Helicóptero Museu *Sea King*.

históricos militares *per si*, e que se utiliza apenas de documentos escritos, no uso de conceitos e métodos das ciências sociais pelo historiador, hoje instruído nas técnicas de pesquisa e com formação pluridisciplinar. Com o “emprego das novas metodologias desenvolvidas na ciência histórica recente, permite-se alcançar as múltiplas interfaces da História Militar, tais como a social, a cultural, a econômica, a da ciência, ou a da política, dentre tantas outras” (PARENTE, 2009: 3).

2 – Breves Reflexões sobre a Historiografia Naval Brasileira

O esforço historiográfico na produção de uma história narrativa que tratasse da importância do poder naval na formação do Brasil tem origem, provavelmente, em 1881², com a publicação de 1º Volume, seguido de mais dois, dos *Apontamentos para a história da Marinha de Guerra Brasileira* (SILVA, 1881-83: 3 v). Dos quatro volumes previstos, foram publicados três, que tratam do período 1808-1828, contendo “inéditos e valiosíssimos documentos históricos” (SILVA, 1881: vol 1, 7) O quarto volume, por falta de verbas para as necessárias despesas, não foi produzido (SILVA, 1884: 9).

Em 1884, deu-se, ainda como resultante do estudo promovido, a publicação *da História Naval Brasileira para uso das escolas a cargo do Ministério dos Negócios da Marinha*” (SILVA, 1884) , que “tornasse fácil o conhecimento exato de como se organizou a repartição da Marinha no Brasil, e de todos os feitos da Armada Brasileira, desde sua criação em 1822, até os fins da Guerra do Paraguai em 1870” (SILVA, 1884: 9-10).

Essas duas obras são de autoria do oficial da Marinha reformado Theotônio Meirelles da Silva³, conforme as suas próprias folhas de rosto e o exame crítico realizado pelo então Vice-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, O. H. de Aquino e Castro, por solicitação do Ministro da Marinha, e que consta da publicação de 1884.

² Não há ainda como afirmar que esta seria efetivamente a data da obra mais antiga a respeito, na medida em que o levantamento historiográfico na realização desse trabalho foi realizado apenas na Biblioteca da Marinha.

³ A Revista de História da Biblioteca Nacional, em artigo datado de jan/2011, acerca de conquistas amorosas atribuídas a D. Pedro II, colocam um oficial de marinha de nome Teotônio Meireles da Silva como seu filho com Gertrudes Meireles de Vasconcelos nascido em 1822, na província de Minas Gerais (www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/deitou-na-cama-e-fez-a-fama). Entretanto, conforme pesquisa realizada no Arquivo da Marinha, o autor das obras em lide teria nascido em 1820, em Minas Gerais, sendo filho de “Domingos Meirelles da Silva e da Joana”, IN assentamentos do autor).

Numa breve análise desses trabalhos, é possível observar algumas nuances básicas da matriz de Varnhagen (WEHLING, 2000: 152-194), tais como: o respeito absoluto às fontes, tradicionalismo, nacionalismo, valorização das conquistas e dos personagens principais em detrimento de análises estruturais, a herança portuguesa na constituição do Brasil, a busca da imparcialidade, objetividade e a ideia de evolução. Essas nuances, além de estarem presentes em outros estudos do campo militar à época, se afirmaram nas publicações histórico-culturais produzidas pela Marinha do Brasil ao longo da 1ª metade do século XX, e mesmo depois. E estão presentes, sob certos aspectos, em trabalhos publicados nas três últimas décadas⁴.

Os estudiosos, em sua maioria oficiais de marinha com vertente histórica (HARTZ, 2006: 7), produziam, em escala majoritária, até princípios dos anos de 1970, uma história naval centrada nos grandes personagens, gabinetes e conflitos armados, apoiando-se em documentos oficiais, em memórias, na exaltação da instituição; e atendo-se a fatos, datas e nomes inferidos, quando muito, num “tempo curto e acontecimental da história política” (SANCHES, 2010: 1).

Cabe agora, fazendo uso de novos campos de investigação na pesquisa da história militar, tratar do seu viés cultural⁵ – no caso o desenvolvimento das atividades do Serviço de Documentação da Marinha (SDM), que redundou na existência, hoje, da DPHDM - O seu crescimento, acelerado a partir dos anos 1980, trazem preciosos instrumentos para a contextualização destas breves reflexões.

Criado em 1943 com o propósito de aglutinar as atividades histórico-culturais que já aconteciam na Marinha do Brasil, o SDM passou a ter sob sua subordinação a Biblioteca da Marinha⁶, o Arquivo da Marinha, o Museu Naval, e a Seção de História Marítima Brasileira⁷. Com exceção desta última, essas não mais seriam organizações militares autônomas, e sim departamentos do SDM. Em 1972, foram inauguradas as novas instalações de todas as

⁴ É o caso da obra do Contra-Almirante Max Justo Guedes, renomado historiador naval.

⁵ Talvez não seja o caso de um viés cultural da história naval brasileira, mas sim da história da política cultural da Marinha do Brasil.

⁶ Criada em 1849, é vista como origem do SDM, por ter sido a primeira instituição cultural da Marinha do Brasil. Posteriormente foram criados o Museu Naval (1868) e o Arquivo da Marinha (1907).

⁷ Até então, estava subordinada ao Estado Maior da Armada.

atividades pertinentes num único espaço físico, à Rua Dom Manuel nº 15, com a criação de mais um departamento, o de Publicações e Divulgação. Processava-se, assim, o começo de uma estrutura administrativa, técnica e normativa para guardar, preservar, conhecer, classificar, divulgar e pesquisar todo o conteúdo material e imaterial histórico-cultural antes disperso, colocando-os sempre perto um dos outros, “conversando” e produzindo mutuamente. Em paralelo, houve a busca da profissionalização do pessoal envolvido nessas atividades, aliada ao fomento e divulgação dos instrumentos necessários à valorização da memória naval, no intuito de tecer a mentalidade histórico-cultural da Força. Criado o então Corpo Auxiliar Feminino da Marinha, foram chegando as historiadoras, bibliotecárias, arquivistas, jornalistas e museólogas, profissionais de fato, para compor a tripulação da Organização Militar (OM), que hoje tem rotineiramente oficiais do quadro técnico na realização de suas atividades. E aumentou o número de estudiosos da história naval brasileira, oficiais da reserva da Marinha do Brasil, cujas carreiras e perfis os habilitavam a compartilhar e a contribuir para a valorização da história marítima e naval brasileira.

Ao longo das décadas de 1980 e 1990, os laços com o meio acadêmico foram se estreitando mediante a realização de seminários, simpósios, ofertas de vagas para estagiários nas áreas de história, museologia, biblioteconomia e arquivologia. O mesmo para com as instituições civis congêneres, a exemplo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional e o Arquivo Nacional, na realização de convênios, participação em conselhos consultivos, etc. É preciso ainda destacar, em especial, a participação dos oficiais e servidores civis do SDM, já a partir da sua primeira turma, em 2001, no curso de pós-graduação em História Militar Brasileira promovido em parceria pelo Instituto Geográfico e Histórico Militar do Brasil (IGHMB) e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), iniciativa pioneira, que contou com o apoio do Exército Brasileiro.

Todos esses aspectos contribuíram em muito para o renascimento, crescimento e mesmo para a releitura da história marítima e naval brasileira. Haja vista a coleção *História*

5
*Naval Brasileira*⁸, e os periódicos produzidos pela DPHDM – a *Revista Marítima Brasileira*⁹ e a *Revista Navigator*¹⁰ -, que remontam a 1851 e 1968, respectivamente. Há outros exemplos, como as publicações *Fatos da História Naval*; *Introdução a História Marítima Brasileira*, livro didático usado nas Escolas de Aprendizes Marinheiros; e *Importância do Mar na História do Brasil*, volume 13 da “Coleção Explorando o Ensino – História – Ensino Fundamental e Ensino Médio” (SERAFIM, 2006). Estes últimos, de caráter pedagógico, colocam a DPHDM como instituição transmissora e fomentadora de conhecimentos, resultado do novo propósito, previsto no seu Regulamento, de contribuir para o desenvolvimento da consciência marítima brasileira, além de preservar a memória da Marinha.

Nessas breves reflexões, é preciso, ainda, comentar dois fatores determinantes não apenas no aprimoramento técnico dos oficiais da DPHDM e divulgação/conscientização da maritimidade do País, mas também para uma produção historiográfica de cunho acadêmico. O primeiro incide sobre os numerosos intercâmbios, estágios, cursos, seminários e outros eventos histórico-culturais dos quais têm participado os oficiais da DPHDM. E o outro consta do Plano de Carreira dos Oficiais da Marinha, para o seu Quadro Técnico (que são maioria na lotação da DPHDM), e dos cursos de especialização, mestrado e doutorado, pretensão antiga das oficiais historiadoras do extinto Corpo Auxiliar Feminino.

3 – A Modernização do Museu Naval

Como relacionar as breves reflexões sobre a historiografia naval brasileira, já referidas, com a modernização do museu naval, e assim, chegar à exposição “O Poder Naval e a Formação da Marinha” como símbolo do esforço empreendido pela DPHDM na construção de um novo cenário para a história naval brasileira?

⁸ Composta de 10 volumes, trata da história marítima e naval brasileira.

⁹ Publicada trimestralmente, tendo matérias de cunho técnico, memorialista, efemérides e outras afetas a memória da Marinha do Brasil.

¹⁰ A *Revista Navigator* tem origem nos Subsídios para a História Marítima do Brasil e se ocupa da publicação de trabalhos acadêmicos pertinentes ao passado das atividades humanas referente ao mar e, por afinidade, aos rios navegáveis; site www.revistanavigator.com.br.

Há pelo menos uma resposta, dentre outras possíveis. No caso, a criação do Museu Histórico Nacional, em 1922¹¹, no Rio de Janeiro, a celebrar a memória da nação (CHAGAS, 2009: 87). Afinal, na composição do seu circuito expositivo houve “uma generosa contribuição” advinda dos acervos do Museu Militar do Arsenal de Guerra, criado em 1865, e do Museu Naval (1868), que não teriam se consolidado. Nesse processo, bem como na criação do curso de museologia, a figura de Gustavo Barroso, autor de vários livros sobre história militar, aparece como emblemática na construção de um espaço que reunisse os objetos de um passado de glórias e que assim, mediante uma breve e bem sucinta análise das obras e da “imaginação museal” do pai fundador do Museu Histórico Nacional (CHAGAS, 2009: 83), contaria uma “velha histórica política” (BARROS, 2004: 106-107) ou militar.

Esta concepção historiográfica/museológica foi trazida para o Museu Naval quando da sua reinauguração em 1972, à Rua Dom Manuel nº 15¹². Em 1996, devido a problemas estruturais do prédio, com as obras do “Mergulhão” da Praça XV, o Museu foi fechado, sendo reaberto em 2001, ainda pautado numa concepção museológica antiga¹³. Em 2006, foi inaugurada uma nova exposição de longa duração com o título “O Poder Naval e a Formação do Brasil”, construída sob um novo esforço historiográfico e uma nova ótica acerca das funções sociais dos museus, posto que esses tornaram-se “espaço dinâmico, de informação, de lazer e de educação, que cria áreas de difusão histórico-culturais com a finalidade de despertar a consciência do público para a preservação do patrimônio artístico, cultural e histórico” (MOURA, 2012: 127).

4 - O circuito expositivo do Museu Naval

O circuito expositivo do Museu Naval está assim distribuído:

a) Sala 1: Rumo à Terra Pressentida – Trata das grandes navegações realizadas pelos portugueses, incluindo o descobrimento do Brasil e suas aventuras; da construção naval, com relato da vida a bordo, e que se iniciou no séc. XV e deu novo rumo à História; e dos oceanos, que antes eram obstáculos e passaram a ser vias de comunicação. O Brasil foi descoberto e

¹¹ Comemorava-se o centenário da Independência do Brasil.

¹² Juntamente com as novas instalações do SDM.

¹³ Culto aos heróis, factualização dos objetos, sendo apenas um espaço de contemplação.

colonizado por mar, e a defesa dos núcleos de colonização dependeu do poder naval de Portugal. Aborda também os índios e faz uso de mapas.

b) Sala 2: Intrusos e Invasores — Mostra os diversos corsários, piratas e outros intrusos que desafiaram os interesses ultramarinos de Portugal durante os séculos XVI, XVII e XVIII. Os invasores vieram do mar e somente sua expulsão, com a participação de forças navais, garantiu a integridade do futuro território brasileiro. Também faz uso de mapas.

c) Sala 3: Expansão e Independência - Durante o séc. XVIII, o futuro território brasileiro se expandiu para o Sul, em frequente disputa com os espanhóis. Em 1808, chegou ao Brasil a Família Real portuguesa e o Rio de Janeiro se tornou a sede do império português. Com o retorno de D. João VI para Portugal, D. Pedro proclamou a Independência, em 1822, e a recém-criada Marinha do Brasil, partindo do Rio de Janeiro, levou essa independência para as províncias que ainda não haviam aderido a ela, como o Maranhão, o Pará e a Cisplatina (futuro Uruguai, que então era parte do território brasileiro). A ação eficaz da Marinha garantiu a integridade territorial do Brasil. Mostra, ainda, o emprego de estrangeiros na constituição da Marinha. Também usa mapas.

d) Sala 4: O Poder Naval como instrumento da Política Nacional - Após a independência, o poder naval brasileiro foi empregado como instrumento da Política nacional do Império, projetando o poder militar para debelar as rebeliões que poderiam ter fracionado o Brasil, atuando na região do Rio da Prata (em guerras e intervenções em outros países), em respaldo à Política externa do país e coibindo o tráfico negreiro. Destaca, ainda, a atuação do futuro Marquês de Tamandaré, Patrono da Marinha, que se distinguiu, apesar de muito jovem, nesses conflitos. Usa mapas.

e) Salas 5 e 6: A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai - Mais longo e sangrento conflito da América do Sul. Tendo em vista que os rios da região, o Paraná e o Paraguai, eram as principais vias de comunicação, o papel da Marinha foi muito relevante. A Batalha Naval do Riachuelo, no rio Paraná, foi decisiva e a primeira grande vitória dos aliados nessa guerra, e a aquisição de navios encorajados foi fundamental para avançar e ultrapassar as fortificações instaladas nas margens do Rio Paraguai. Após a Passagem de Humaitá pelos

navios brasileiros e sua posterior ocupação, o progresso das tropas aliadas dependeu de complexas operações combinadas com a participação da Marinha e do Exército. Usa mapas.

f) Sala 7: O Emprego Permanente do Poder Naval - Durante o século XX, ocorreram duas guerras mundiais, em que o país se viu agredido no mar por submarinos. A Marinha brasileira participou da Primeira Guerra Mundial principalmente através da Divisão Naval em Operações de Guerra, cuja tarefa era o patrulhamento de um trecho da costa africana. Na Segunda Guerra Mundial, coube à Marinha proteger os comboios de navios mercantes, que asseguraram o abastecimento das cidades brasileiras e transportaram matérias-primas vitais para o esforço de guerra aliado. É ressaltado o emprego do poder naval em tempo de paz, por sua importância na defesa dos interesses do País. Ele envolve um conjunto de ações necessárias para que os conflitos de interesses com outros países não saiam da esfera da diplomacia.

Da descrição acima, destacam-se alguns aspectos, dentre outros que possam ser observados, e que parecem estar inseridos no contexto de uma “nova história militar” (CASTRO, 2004) ou política, quais sejam:

1 - os fatos narrados nessas sete salas seguem uma forma estruturante, entrelaçados pela realidade histórica apresentada, qual seja a de quão intrínseca está a Marinha do Brasil na construção e desenvolvimento do País;

2 - expõe uma longa duração da história naval brasileira;

3 - emprego da geografia para a compreensão dos fatos (todas as salas);

4 - nuances de outros campos historiográficos, como a história social, com o relato da vida a bordo (sala 1), o emprego de estrangeiros (sala 3) e as operações de paz (sala 7), a história da ciência/tecnologia com a construção das embarcações (sala 1), o advento dos navios encouraçados (salas 5 e 6), a Marinha de hoje (sala 7) e história econômica (todas as salas); e

5 - contextualização dos objetos expostos à história narrada.

5- Projetos educativos

Há ainda outro fator a ser considerado no esforço metodológico empreendido pela DPHDM para a valoração, sob um novo olhar, daqueles “velhos” enfoques da história política tradicional, quais sejam a guerra, a diplomacia, as instituições e a trajetória dos personagens proeminentes no jogo do poder ((CHAGAS, 2009: 87), aliados a uma nova filosofia museológica. São os projetos desenvolvidos no Museu Naval na área educativa, como se seguem:

- a) Projeto Escola - Criado há mais de 10 anos, transporta grupos de crianças de escolas públicas para visitar o Complexo Cultural da Marinha, do qual faz parte o Museu Naval. As visitas são guiadas, e as crianças recebem fotografia do grupo e lanches patrocinados pelo Departamento Cultural do Abrigo do Marinheiro.
- b) Projeto “Uma Viagem pelo Mundo da História” - Patrocinado pela TRANSPETRO, é composto por 07 peças teatrais relativas à História Marítima e Naval do Brasil e apresentadas de acordo com a faixa etária do grupo agendado, proporcionando as crianças e aos jovens, uma visão abrangente sobre a participação da Força Naval na história do Brasil.
- c) Projeto “MARINHA EM ORIGAMI” - Tem como objetivo promover o desenvolvimento de habilidades motoras e criativas dos grupos de crianças visitantes, por meio das atividades de dobraduras em papel com temas ligados ao mar; e
- d) Projeto Uma Aula no Museu – Guiados por historiadores da DPHDM, alunos oriundos de escolas públicas/particulares recebem aula sobre o poder naval na formação do Brasil.

Essas ações educativas trazem, comprovadamente, novos significados histórico-sociais para os museus.

6 – Considerações Finais

Para as considerações finais, algumas notas explicativas se apresentam:

- a) A história naval brasileira contextualizada no Museu Naval, apesar de não mais meramente narrativa e factual, ainda se encontra majoritariamente segmentada no campo da história política.

- b) Aos moldes do propósito de Gustavo Barroso, foi feito uso do espaço cultural Museu Naval para afirmação do Estado Nacional ao longo da história do Brasil, sendo esta narrada por um de seus instrumentos – o poder naval.
- c) A problemática histórica levantada na recuperação do Museu Naval – A Marinha do Brasil foi importante para a formação do país? – foi respondida com a revitalização desse espaço cultural aos moldes de uma filosofia museológica dinâmica e interativa, em que os objetos não constituem história por si mesmos.
- d) O esforço historiográfico não é mais proveniente de iniciativas pessoais, sem solução de continuidade pela Força; e
- e) A Matriz de Varnhagen vigente nos textos produzidos nas salas expositivas do Museu Naval.

Outras observações foram sendo colocadas ao longo do texto, e algumas ainda estão em construção, limitando, como dito, em considerações finais e não numa conclusão todas estas breves reflexões acerca das atividades desenvolvidas pela DPHDM no esforço historiográfico da revitalização da história naval brasileira, em que a modernização do Museu Naval é apenas uma de suas resultantes.

Afinal, intrínseca a esta releitura, há, entre outros fatores, a editoração periódica da revista *Navigator*, objeto valioso no fomento de intercâmbio de conhecimentos com os meios acadêmicos capazes de produzir um novo olhar para a história marítima e naval brasileira. Como exemplo, as três últimas edições da publicação, com 08 artigos produzidos por historiadores militares ligados às instituições das Forças Armadas e 20 outros oriundos de colaboradores provenientes de instituições acadêmicas.

7- Bibliografia

- 1 - BARROS, José Assumpção de. *O Campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.
- 2 - Cf. MOURA, Glaucia Soares e DIAS, Paula Cristina da Costa Perez Tavares. *O Novo Museu Naval*, Revista Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil, V.6, 2010.
- 3 - CASTRO, Celso, IZECHSOHN, Vitor e KRAAY, Hendrick. *Da história militar a “nova” história militar*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

- 4 - HARTZ, Mônica de Oliveira. *O Estudo da História Marítima Brasileira no Ensino Médio: desafios e soluções*. Revista Navigator nº 4, 2006.
- 5 - PARENTE, Paulo André Leira. A Construção de Uma História Militar. *Revista Brasileira de História Militar* (eletrônica). Edição Especial de Lançamento, dez de 2009. Disponível em: <http://www.historiamilitar.com.br/index1.html>...
- 6 - SANCHES, Marcos Guimarães. *A Guerra: problemas e desafios do campo da história militar brasileira*. Revista Brasileira de História Militar (eletrônica). ano 1, n. 1, abr. 2010.
- 7 - SERAFIM, Carlos Frederico Simões, (coordenação), BITTENCOURT, Armando de Senna Bittencourt (organização). *A Importância do Mar na História do Brasil*, Brasília: Educação Básica do Ministério da Cultura, 2006.
- 8 - SILVA, Theotonio Meirelles da. *Apontamentos para a história da Marinha de Guerra Brasileira*. Rio de Janeiro: Typografia Perseverança, 1881-83. 3 v.
- 9 - SILVA, Theotonio Meirelles da. *História Naval Brasileira*, Rio de Janeiro: Editor B.L.Garnier, 1884.
- 10 - WEHLING, Arno. *Estado, História, Memória, Varnhagen e a Construção da Identidade Nacional*. São Paulo: Editora Nova Fronteira. 2000